

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 16

Março - Abril de 1941

N. 3 - 4

JOSE' AUGUSTO TRINDADE

No dia 9 de março, em Recife, após quarenta dias de padecimentos, num leito de hospital, faleceu o agrônomo José Augusto Trindade, formado em 1914, na antiga Escola de Agricultura de Pinheiro. Esse fato lutuoso deve ser registado com o mais profundo pesar, por parte da nossa classe agrônômica, tão pobre de valores. Se há uma coisa que nós agrônomos, devemos lamentar é o falecimento dêsse colega inconfundível. Perdeu-se com êle não apenas o Chefe dos Serviços Agrícolas Complementares, da Inspetoria de Obras contra as Sêcas. Perdeu-se um homem raro, um tipo humano invulgar pelas suas qualidades de espírito. Filho de Minas, herdou do povo montanhês aqueles hábitos preciosos de cordura, de trabalho lento mas seguro; demorando-se, mas sempre para a frente. Nada de agitação superficial. Antes uma calma criadora. Aliada a êsse feitio, possuía Trindade um espírito de condutor de homens, de chefe. Mas de chefe que não anda montado nos seus auxiliares; ao contrário, que caminha à ilharga dêles, de seus companheiros, orientando-os e distribuindo estímulos. Só assim poderia êle realizar a obra, que viram todos aqueles que andaram pelo Nordeste. Obra que estava em início, mas que já demonstrava o que viria a ser um dia, e que já era capaz de anunciar seus esplêndidos resultados, dentro de mais algum tempo. Dias dos mais inesquecíveis de quanto hei vivido, foram aqueles que passei com êle, viajando em sua companhia, através da Paraíba e do Ceará, em visita aos Postos Agrícolas de Condado, São Gonçalo, Lima Campos e Joaquim Távora — frutos formosos de sua se-

menteira, feita com carinho e com inteligência. Sobretudo sem inveja, sem o desejo de aparecer, de filmar... No meio dos agrônômicos, que nesses Postos trabalhavam animosos, cheios mesmo de fé — Trindade não parecia o chefe. Era quasi um visitante que indagava com segurança, fazendo como que uma “sabatina”, inteirando-se de tudo com muita argúcia, com espírito refletido e de quem deseja saber para julgar e prover. Quem viu Trindade no seu Mostruário de produtos, do seu Serviço? Êle se transfigurava ao nos mostrar como o “sertão” era capaz de produzir tanta coisa. Era uma demonstração, que se não esquece mais, daquele velho dito — “plantando dá”, desde que o homem substituisse sua técnica, demais conformista, por essa outra, que os filhos espirituais de José Augusto Trindade provaram ser eficiente. Carta que acabo de receber, de um amigo comum, me informa que até os últimos instantes, sua alma de moribundo estava voltada para os seus trabalhos. Suas últimas palavras foram mesmo palavras de cuidado para o Nordeste, cujas atividades rurais êle estava revolucionando, com a nova técnica de aproveitar a terra, e sobretudo o valor do homem sertanejo — um heroico esbanjador de energias, a serem inteligentemente utilizadas. Foi um raro trabalhador, apaixonado de sua tarefa, que a morte colheu inopidamente, destruindo para sempre não um administrador apenas, mas um exemplo vivo de como o que se faz com amor é sempre bem feito. O exemplo vivo de um chefe não comum, integral que mandava sem se fazer sentir, provocando o estímulo para o trabalho, dentro da própria alma daqueles técnicos que, nos sertões do Nordeste, estão realizando a tarefa mais preciosa, de quantas a nossa agrônômia se envaidece. E só um agrônomo excepcional, como esse cuja morte estamos hoje registrando com máguia, operária êsse milagre — mais fé, de devotamento do que de competência e sabedoria. Devotamento à causa da agricultura racional no sertão — da qual Trindade empunhou o bestão de comando até seu último dia, sempre radiante de otimismo pelo destino de sua patriótica realização. E aqui a adjetivação “patriótica” não veiu para efeito estético ou meramente eufônico. Tem o mais legítimo rigor.

Octávio Domíngues